

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM A PARTIR DOS APORTES DE PIAGET E MATURANA

THE PROCESS OF LANGUAGE CONSTRUCTION FROM PIAGET'S AND MATURANA'S THEORETICAL CONTRIBUTIONS

Fabiane Adela Tonetto Costas¹

José Kolling²

Marinês Cendron Fernandes³

Paulo Augusto Cabral⁴

Resumo

O artigo que segue toma como pressupostos referenciais as teorias de Piaget e Maturana, buscando aproximações e distanciamentos entre ambos no que tange à Linguagem. Pelo inegável papel da Linguagem na construção cognitiva dos processos mentais, por ser inerente ao humano e pelo enfoque dispensado a essa pelos autores supracitados, pensou-se que uma releitura epistemológica poderá vir a contribuir no fazer pedagógico e docente. Piaget, durante suas pesquisas no século XX, estudou a Linguagem como algo estreitamente próximo ao pensamento humano. Maturana, investigador das últimas décadas do século XX e início do XXI, instiga o leitor por abranger caracteres antropológicos e biológicos pertinentes a aquisição da linguagem. Estabelece diferenças entre linguagem e linguajar, postulando que aparte a linguagem e a emoção, não há acontecimentos que pressuponham vida. Após a interface entre Piaget e Maturana sobre Linguagem, sintetizou-se pontos basilares de ambas abordagens. Finalizou-se o artigo de forma transitória, visto que autores dessa magnitude precisam e merecem ser melhor contemplados, embora o almejado tenha sido instigar o leitor a aprofundar o estudo teórico para a busca de novos olhares e ações práticas.

Palavras-Chave: Linguagem-Piaget-Maturana

Abstract

The following article takes as referential postulates the theories of Piaget and Maturana, searching for approximations and dissociations between both, concerning Language. For the undeniable role of Language in the cognitive construction of the mental processes, for being inherent to the human and for the approach dedicated to it by the authors named above, it was thought that an epistemological re-reading may contribute to the pedagogical and teaching doing. Piaget, during his researches in the XX century, studied Language as something extremely close to human thought. Maturana, investigator of the last decades of the XX century and the beginning of the XXI, instigates the reader by including biological and anthropological features pertinent to language acquisition. He establishes differences between language and mode of speech, postulating that except from language and emotion, there are no happenings that presuppose life. After the interface between Piaget and Maturana about Language, it were synthesized basic aspects from both approaches. The article was concluded in a transitory way, once authors of this magnitude need and deserve to be better contemplated, although the aim was to instigate the reader to deepen the theoretical study to the search for new looks and practical actions.

Key Words: language-Piaget-Maturana

¹.Profª Assistente do Deptº de Fundamentos da Educação/CE/UFSM; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da FACEd/UFRGS

².Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da FACEd/UFRGS

³.Profª da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre; Mestranda do Programa de Pós-Graduação da FACEd/UFRGS

⁴.Funcionário da UFRGS; aluno do Programa de Educação Continuada-PEC vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FACEd/UFRGS

Introdução

A Construção da Linguagem, tema central deste estudo, é alvo de elocubrações teóricas que remontam à própria origem humana. Nesse caso em particular, buscaram-se referências nas áreas da Lingüística, da Psicologia, da Biologia, procurando possíveis vinculações na área educacional.

Elegeram-se para contemplação da temática antes referida, os autores Jean Piaget e Humberto Maturana, por suas contribuições epistemológicas e ao mesmo tempo pelo caráter instigante de seus postulados. Sob a égide de suas palavras, tentou-se desvendar sua trajetória nas concepções sobre Linguagem.

Piaget, durante sua longa carreira de pesquisador, enfocou a questão da linguagem com profundidade, considerando-a um dos pilares do desenvolvimento do sujeito, como algo que está intimamente relacionado ao pensar.

Já Maturana, autor mais recente, lança idéias contundentes, que apaixonam à primeira vista. Seus pressupostos voltam ao início da civilização humana e recompõem o caminho da humanidade, defendendo a tese de que devido ao modo de vida dos hominídeos, na convivência sensual e no compartilhar alimentos, foi possível originar-se a Linguagem. Ele também surpreende com a diferenciação que faz entre linguagem e linguajar, afirmando que nada acontece na vida fora da linguagem e da emoção.

Além da proposta de estabelecer as bases das teorias de Piaget e Maturana acerca da Linguagem, elaborou-se uma breve síntese, que aponta os aspectos considerados centrais em cada uma das abordagens. Finalizou-se o trabalho com uma breve conclusão, que constitui-se num marco de provisoriedade, uma vez que a envergadura destes renomados autores certamente merece maior aprofundamento. Espera-se ter contemplado os pontos fundamentais e deixado nos leitores o desejo de ampliar o estudo sobre essa temática, na busca de melhor compreensão da mesma e de possibilidades de novas sínteses e ações práticas.

Linguagem em Piaget

PIAGET (1967, 1968) elabora algumas observações sobre a linguagem e o pensamento⁵, ressaltando serem estas fruto de seu próprio pensar sobre a formação da inteligência⁶ e das operações lógicas. O autor concatena-as em três grandes pontos: primeiramente o cotejo entre linguagem e pensamento, relativo ao período de aquisição da linguagem pelo sujeito; a seguir o processo de construção das operações lógicas, chamadas concretas (7 a 11 anos); e finalmente a fase das operações formais ou interposicionais (12 a 15 anos).

No estágio sensório-motor (de 0 a 2 anos) não há indícios de representação de significados por significantes diferenciados, ou seja, ainda não está presente a chamada **função semiótica** nos seres humanos. Essa **função** começaria a estruturar-se durante o segundo ano de vida do sujeito, pois estudos efetivados por Piaget & Inhelder (1968:51) apontaram que nesse momento ocorreria a “evocação representativa de um objeto ou de um acontecimento ausente e que envolve, por conseguinte, a construção ou o emprego de significantes diferenciados”. Podem-se acrescentar outras formas demonstrativas da diferenciação de significantes não registradas no período sensório-motor, encerrando, obviamente, um caráter pré-operatório, que retém um certo grau de simultaneidade: a imitação diferida ou retardada (intermediária entre as pré-figurações sensório-motoras e as condutas representativas); o jogo simbólico; o desenho ou imagem gráfica; a imagem mental e a evocação verbal.

Assim, ao deparar-se o sujeito com uma conduta de evocação verbal, percebe-se o uso da linguagem propriamente dita, pois o ele já é capaz de operar livre da limitação espacial e do tempo presente, ou seja pode descolar-se de aspectos perceptivos imediatos, sendo que os objetos e fatos inserem-se em patamares conceituais e racionais contribuindo na construção do conhecimento da criança.

Logo o acima exposto refere-se tanto ao “começo da representação, () como ao início da esquematização representativa (conceitos, etc.)” (Piaget, 1967:84), cabendo ressaltar que o pensamento originaria a linguagem, que a função semiótica abrangeria a linguagem e que, assim sendo, o surgimento da linguagem deve ser atribuído à função semiótica de modo geral e ao pensamento num sentido estrito.

Em síntese, quanto à relação entre pensamento e linguagem Piaget (1967: 86) entendeu que

“...o pensamento precede a linguagem e esta se limita a transformá-lo, profundamente, ajudando-o a atingir suas formas de equilíbrio através de uma esquematização mais desenvolvida e de uma abstração mais móvel”.

A linguagem infantil e suas funções, as operações lógicas concretas e proposicionais

Observando duas crianças de seis anos e meio Piaget (1999) estabeleceu dois grandes grupos de expressões da fala infantil: egocêntrica e socializada.

O primeiro grupo refere-se às falas em que a criança fala despreocupadamente, isto é, não se importa se é ou não escutada e nem tem um “alvo” certo para sua evocação. É uma fala para si própria, pelo simples prazer de aliar o que quer que seja à sua ação iminente. O egocentrismo dessa linguagem traduz-se pelo fato de a criança sempre falar a seu respeito e, também, por não conseguir vislumbrar outro ponto de vista que não seja o seu. Sua ação e fala não contemplam o interlocutor, ou seja, a criança não demonstra intenção em dizer qualquer coisa para quem esteja lhe escutando. Já na linguagem socializada há uma troca com o interlocutor: ele passa a ser considerado no contexto fala-ação.

A linguagem egocêntrica possui três características: *ecolalia (repetição), monólogo, monólogo a dois ou coletivo*. A linguagem socializada divide-se em *informação adaptada, crítica, ordens, súplicas e ameaças, perguntas, respostas*. Ao mesmo tempo, o egocentrismo tem interface com o pensamento pré-lógico, pré-causal, mágico, animista e artificialista.

As conclusões desse estudo remetem ao entendimento da linguagem egocêntrica como inerente a certo período do desenvolvimento do ser humano, com uma forma de raciocínio próprio, pois a lógica egocêntrica possui um caráter intuitivo, sincrético, de raciocínios implícitos, um excessivo sentimento de segurança; além disso, não explicita analogias; valoriza esquemas visuais e seus julgamentos são marcadamente pessoais.

Já no caso da linguagem socializada e sua inerência, a inteligência comunicável, as conclusões diferem radicalmente porque essa inteligência é dedutiva, explicitando os elos entre proposições; há necessidade de provas para convencimento de outrém;

⁵ Entendidos como processos inerentes à cognição, ou seja processos em que o ser vivo obtém conhecimento.

⁶ Inteligência aqui entendida nas várias definições arroladas por Jean Piaget e extraídas de BRATTO, Antonio M. **Dicionário Terminológico de Jean Piaget**. São Paulo, Pioneira, 1978. pp 139 -141

usa-se a dedução em si, inversamente às analogias; subtraem-se os esquemas visuais; não se utilizam julgamentos pessoais valorativos, tem-se por base o pensamento coletivo aproximado da razão.

Quando a criança já faz uso desse último grupo de linguagem, ou seja a socializada, ocorre uma estruturação cognitiva bastante importante no seu pensamento, isto é a vinculação da linguagem às operações concretas da lógica, estruturação esta que acontece entre os sete e dez anos de idade.

A lógica das operações concretas, num primeiro momento, refere-se aos objetos, suas classes e relações, sendo que o manuseio dos mesmos acontece de modo real ou imaginário. Essas denominadas operações concretas dizem respeito a adições, multiplicações de classes e relações; classificações, seriações, correspondências.

Piaget (1967: 87) lembrava que: ... estas operações não esgotam toda a lógica das classes e de suas relações, constituindo apenas estruturas elementares de “agrupamentos”, que são os semi-*lattices*⁷ e os grupo imperfeitos.”

Na tentativa de relacionar o pensamento e a linguagem como aspectos constituintes das operações concretas, o autor defronta-se com duas indagações: poderia ser a linguagem origem de classificações ou seriações? Ou então, as seriações e classificações estariam de certo modo livres da sujeição da linguagem?

Suas investigações demonstraram que, antes de expressar verbalmente certas operações, a criança necessita haver coordenado ações. Por exemplo ao dizer-se que João tem olhos mais azuis que Paulo e, ao mesmo tempo, de um azul mais escuro que Pedro, qual deles tem os olhos de um azul profundo? Então, operar com + ou -, demonstra a coordenação de ações que precederia a verbalização desse operar. Assim a linguagem não origina a configuração dessas operações, mas sim, aumenta ilimitadamente sua força, conferindo às operações uma mobilidade e uma generalidade que não encerrariam sem ela, porém a linguagem não motiva estas coordenações.

Uma segunda etapa, relativa às operações lógicas na criança, é atinente às chamadas operações proposicionais (lógica das proposições), que possuem estruturas de conjunto específicas, as da rede (*lattice*), bem como as de uma reunião de quatro transformações: identidade, inversão, reciprocidade e correlatividade. Essas transformações estruturam-se em torno de 11-12 anos, mas organizam-se como sistemas entre os 12 e os 15 anos.

Nesse período do desenvolvimento humano, a linguagem é vista por Piaget como a produtora dessas operações proposicionais, pois ele entende que na idade entre 11 e 12 anos o raciocínio já seria hipotético-dedutivo, inserido em patamar mais geral e abstrato, desvinculado dos aspectos concretos que o antecediam. Então, nessa fase apenas o pensamento permearia o surgimento desse tipo de raciocínio.

Porém o autor propõe algumas questões: a linguagem ou o pensamento verbal bastante desenvolvidos permitiram a origem dessas operações, ou ao contrário, finalizariam uma estruturação que se iniciou nas operações concretas, sendo conseqüentemente vinculados à ação?

Levou-se em consideração, para responder às indagações, o uso algébrico das operações proposicionais, ou seja o cálculo das proposições para entender-se o “problema psicológico da formação das operações proposicionais” (Piaget, 1967:90), isto é, como seria o processo de passagem do sujeito das operações concretas

(classificações, seriações, matrizes de dupla entrada) para estruturação de rede? As operações combinatórias explicam a distinção entre um simples classificação e uma rede.

A partir daí, surge outro problema: saber se a linguagem possibilitaria as operações combinatórias, ou se elas aconteceriam liberadas da linguagem.

Demonstrou-se que as operações combinatórias são um produto do evoluir verbal, mas a estruturação dessas operações possibilitam ao sujeito concluir suas classificações verbais e estabelecer correspondências constituintes das operações proposicionais, quais sejam, identidade, inversão, reciprocidade, correlatividade.

A conclusão final de Piaget quanto ao papel da linguagem e do pensamento na construção das operações lógicas da criança remete à própria construção da inteligência pelos seguintes motivos: 1) a linguagem em si não explica o pensamento, visto que o pensamento tem suas ramificações anteriormente ao fato lingüístico, ou seja no período sensório-motor, em que a ação sobre objetos envolve mecanismos sensoriais e de movimento; 2) o pensamento a medida que se especializa necessita sobremaneira da linguagem, mas como complementar a essas estruturas complexas; 3) no processo de construção das operações lógicas, a linguagem é imprescindível, pois possui um sistema simbólico inerente que permite a integração de sistemas (sem essa integração as ações sucederiam-se infinitamente), mas ela não é suficiente.

Portanto, o autor pensou haver entre pensamento e linguagem um ciclo genético, um dando suporte ao outro em infinita ação mútua, dependentes ambos da inteligência que, no entender de Piaget, precede a linguagem e não dependeria dela.

Piaget esclarece suas concepções sobre egocentrismo e linguagem egocêntrica

O termo egocentrismo, segundo o próprio Piaget (1990), gerou algumas celeumas, as quais o autor procurou esclarecer. Segundo ele, ao lançar mão dessa nomenclatura intentava demonstrar a incapacidade da criança pré-operatória em deslocar-se de certo ponto de vista cognitivo.

Piaget (1990: 70) admite que deveria ter-se utilizado do termo “centrismo” ao invés de egocentrismo. A palavra egocentrismo gerou contestações no sentido de possivelmente estar vinculada à concepção de autismo de Bleuer, bem como ao “princípio de prazer” de Freud. Quanto ao primeiro ponto contestado, relativo a Bleuer, há o reconhecimento por parte de Piaget (1990:71) de que houve uma ênfase muito grande nas aproximações entre egocentrismo e autismo, “sem colocar suficientemente em evidência as diferenças” entre os dois (Piaget:1964) Da mesma forma, quanto à segunda contestação, o autor suíço concorda que aceitou de modo acrítico as idéias de Freud, o qual preconizava ser o “princípio do prazer” anterior à realidade de maneira bastante simplista.

Entretanto, em Piaget (1978), há uma retomada desse segundo ponto e uma redimensão, pois, conforme o autor de Genebra, “fui obrigado a conceber o pensamento realístico ou objetivo como independente das necessidades concretas, como uma espécie de pensamento puro que procura provas apenas para sua satisfação” (Piaget, 1990:71).

Quanto à linguagem egocêntrica, já descrita anteriormente, é alvo de uma série de inquietações: Piaget (1999) procurou verificar se haveria ou não uma linguagem egocêntrica especial diferenciada da linguagem cooperativa. Segundo o próprio epistemólogo, houve uma má compreensão dessa obra, pois em seu entender, as críticas localizaram-se demasiadamente no primeiro capítulo, como que ignorando o

⁷ .semi-redes: tradução é dos autores

segundo e terceiro capítulos, que, sob sua ótica, o teriam levado a compreender o significado real do conceito linguagem egocêntrica.

Posteriormente Piaget (1977) retomou o aspecto funcional referente aos entraves que o egocentrismo poderia causar à coordenação de vários aspectos de uma situação visando à cooperação. Nesse sentido, ele estabeleceu que antes dos sete anos as crianças não conseguem coordenar regras de jogos, pois o egocentrismo cognitivo é demasiado, levando-as a vencerem, desprezando a essência competitiva do jogo.

Assim Piaget (1990) entabula algumas constatações sobre a linguagem egocêntrica que são frutos de sua abrangente obra. A primeira diz respeito à diversidade inerente aos ambientes e eventos, o que sem dúvida interfere numa possível medição da linguagem egocêntrica. Em contrapartida ao que pensava inicialmente, Piaget (1990) admite não possuir um instrumento que valide fidedignamente tanto o egocentrismo intelectual quanto o egocentrismo verbal. A segunda constatação é de que a linguagem egocêntrica ainda não teria sido suficientemente estudada, necessitando pesquisa mais detalhada das discussões infantis, sobremaneira no que diz respeito ao comportamento vinculado e acompanhado da linguagem.

Finalmente, quanto ao egocentrismo cognitivo, Piaget (1990) admite que o mesmo se estende às relações interpessoais, especialmente às que se expressam via linguagem. O autor exemplifica isso citando certos professores, cujas aulas, em princípio seriam muito mais para si mesmos do que para seus alunos, pois estes não logriam compreender certos conteúdos pelo fato de os desconhecerem. Ao mesmo tempo, estaria presente também a dificuldade de descentração do professor. Cita ainda o ato de discutir, que pressupõe colocar-se no lugar de outrém, o que, segundo Piaget (1990), aconteceria inclusive entre os psicólogos, para citar alguns grupos de profissionais.

Linguagem segundo Humberto Maturana

Segundo Humberto Maturana o “Humano” surge, na história evolutiva da linguagem hominídea a qual pertencemos, com o surgimento da linguagem. Antes de entrar neste tema, é fundamental fazer um parêntese para que se aborde a questão das linhagens.

Uma espécie ou linhagem, ou sistema de linhagens vai sendo constituída como tal ao conservar-se de maneira transgeracional na história reprodutiva de uma série de organismos (filogênese), um modo particular de viver.

A ontogênese, por sua vez, se dá como uma configuração dinâmica de relações entre o ser vivo e o meio, que se estende desde sua concepção até a morte. Ela não está determinada geneticamente, pois os gens determinam um âmbito de ontogênias possíveis, sendo que a história de interações com o meio, realizará uma delas em processo de epigênese.

O linguajar e o emocionar juntos, ou seja, o conversar, passam a constituir o modo de viver. As características desse modo de viver nos processos de desenvolvimento se tornaram, então parte do modo mesmo de ser da ontogenia humana. Então nós somos animais dependentes de um viver no qual essas condições se dêem, tanto do ponto de vista das relações como da fisiologia. Nós temos uma fisiologia dependente do amor... (Maturana, 1999: 47)

Conforme o autor, para compreender a história evolutiva dos hominídeos em humanos, é preciso que realizemos considerações sobre o modo de vida que ao conservar-se tornou possível a origem da linguagem e o novo modo de vida que

surgiu com a linguagem e que, ao conservar-se, estabelece a linhagem humana particular a que pertencemos até hoje.

Nossos ancestrais, na África, há três milhões e meio de anos, viviam em pequenos grupos (com poucos adultos jovens e crianças). Seu modo de vida era centrado na coleta e no compartilhar alimentos, na colaboração de machos e fêmeas na criação das crianças, numa convivência sensual e com sexualidade frontal. Este modo de viver tornou possível o aparecimento da linguagem, como um domínio de coordenações condutuais consensuais, que exigiu uma história de encontros recorrentes na aceitação mútua suficientemente intensa e prolongada, sendo que não havia competição entre os membros do grupo, mas cooperação.

De acordo com estes pressupostos, “à medida que a linguagem é uma maneira de conviver em coordenações comportamentais consensuais, a proximidade da coexistência é necessária para que ela surja. Ao mesmo tempo, para que a proximidade da coexistência ocorra como fundamento relacional no qual a linguagem pode surgir, a proximidade da coexistência deve ser permanente ou pelo menos suficientemente prolongada.”(Maturana, 2000: 66-67).

Ainda conservamos, fundamentalmente, este modo de vida que tornou possível o linguajar para que se constituísse o conversar (enquanto cruzamento do linguajar e do emocionar). Segundo Maturana, “ o que participa na evolução do humano é a conservação de um fenótipo ontogênico ou modo de vida no qual o linguajar pode surgir como uma variação circunstancial à sua realização cotidiana, ... (Maturana, 1999: 21) . Em nota de rodapé, na mesma página o tradutor da obra explica que o autor “ utiliza o termo “linguajar” e não “linguagem”, reconceituando esta noção, enfatizando seu caráter de atividade, de comportamento, e evitando assim a associação com uma “faculdade” própria da espécie, como tradicionalmente se faz.

O autor explicita esta afirmação ao colocar o que segue:”a linguagem como fenômeno, como um operar do observador, não ocorre na cabeça nem consiste num conjunto de regras, mas ocorre no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas. Se minha estrutura muda, muda meu modo de estar em relação com os demais e, portanto, muda meu linguajar. Se muda meu linguajar, muda o espaço do linguajeio no qual estou, e mudam as interações das quais participo com meu linguajeio. Mas a linguagem se constitui e se dá no fluir das coordenações consensuais de ação, e não na cabeça, ou no cérebro ou na estrutura do corpo, nem na gramática ou na sintaxe.” (Maturana, 1999: 28)

Desse modo, a linguagem e o linguajar não são fenômenos estruturais ou fisiológicos do organismo ou de seu sistema nervoso. Além disso, o que ocorre na linguagem e no linguajar não pode ser explicado ou compreendido como sendo características estruturais, funcionais ou dinâmicas da dinâmica estrutural do organismo e de seu sistema nervoso, porque a linguagem e o linguajar são fenômenos relacionais dinâmicos do domínio de operação do organismo como um todo. (OR pg. 221) A primeira visão sobre a linguagem é a de “interações de orientação”. Apontar não ao que aponta, mas sim apontar ao apontar do que aponta. Os símbolos são justamente algo criado pelo que aponta fora de si mesmo. São coisas que orientam o outro, não para si, mas para uma outra coisa.” (Maturana, 1999: 39)

Maturana explica que a criança começa a desenvolver a linguagem aprendendo “a falar sem captar símbolos, transformando-se dentro do espaço de convivência configurado em suas interações com a mãe, com o pai e com as outras crianças e adultos que formam seu mundo. Neste espaço de convivência, seu corpo vai mudando como resultado dessa história, seguindo um curso contingente com esta história. E a

criança que não é exposta a uma história humana e não vive transformada nela, com o viver dela, não é humana (Maturana, 1999: 61). Quanto à afirmação acima, referente aos símbolos, o autor enfatiza: “antes tem que haver a linguagem para que surjam os signos ou as regras. Porque as regras, os símbolos, os signos são o resultado desse operar.” (Maturana, 1999:39)

Outra questão à qual Maturana se refere no tocante a este tema é que a palavra língua vem do substantivo latino *língua*, que significa o “órgão língua” e era anteriormente usado para se referir principalmente à fala. Por extensão, a palavra língua é agora usada para se referir a qualquer sistema convencional de símbolos usado em comunicação. Uma língua, em sua forma restrita ou ampla, é habitualmente considerada como um sistema denotativo de comunicação simbólica, composto de palavras que denotam entidades, independentemente do domínio no qual as entidades possam existir. Denotação não é uma operação primitiva. Ela requer concordância, consenso para a especificação tanto do denotante quanto do denotado. ... A língua surge como resultado de alguma outra coisa que não requer denotação para seu estabelecimento, mas um processo de acoplamento estrutural ontogênico, que resulta no estabelecimento de um domínio consensual. ... Se a operação primária para o estabelecimento de um domínio lingüístico é seu acoplamento estrutural ontogênico, então as condições primárias para o desenvolvimento da linguagem são, em princípio, comuns a todos os sistemas autopoieticos, na medida em que eles são estruturalmente plásticos e podem atravessar interações recursivas. (Maturana, 1999: 150)

Nesta perspectiva, “O comportamento lingüístico é um comportamento num domínio consensual. Quando o comportamento lingüístico acontece recursivamente num domínio consensual de segunda ordem, de tal forma que os componentes de comportamento consensual são recursivamente combinados na geração de novos componentes do domínio consensual, uma língua é estabelecida. (Maturana, 1999: 151).

Neste sentido, o conversar está imbricado ao modo de vida propriamente humano, como ação pertencente ao âmbito emocional, no qual surge a linguagem, como modo de estar nas coordenações de ações, na intimidade da convivência sensual e sexual. “Este modo de viver juntos como membros de uma comunidade de linguajante, o linguajar segue as complexidades cambiantes desse viver juntos, e se torna fonte de complexidades adicionais, constituindo uma rede entrelaçada de coordenações consensuais de conduta, que geram toda a complexidade do viver no linguajar.”(MATURANA, 1999: 222). Hoje ainda usamos referências táteis para definir a voz (que pode ser considerada dura, suave, acariciante), bem como, nós desencadeamos mudanças fisiológicas e hormonais através da fala e sentimos prazer em conversar e nos movimentos do linguajar.

Segundo Maturana, toda a realização humana se estabelece na linguagem e, ao mesmo tempo, toda realização humana se dá a partir de uma emoção; sendo que nada humano acontece fora dessas duas instâncias, resultando que os humanos vivem sempre em um conversar. Sendo que para ele, a palavra conversar vem da união de duas raízes latinas: CUM, que quer dizer “com” e VERSARE, que quer dizer “dar voltas com” o outro. (Maturana, 1999:167).

O fato de que o amor seja a emoção que funda a origem do humano, o prazer de conversar que nos caracteriza faz com que nosso bem-estar, como nosso sofrimento dependem tanto do conversar (linguagem & emoção).O autor sustenta que o peculiar na linguagem humana é seu entrelaçamento com o emocionar, sendo que os símbolos são secundários à linguagem. Esta linguagem (comunicação) está relacionada com

coordenações de ações consensuais. Mais que isso, a linguagem é um operar em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações. De acordo com este ponto de vista, a linguagem não se dá no corpo, nem como um conjunto de regras, mas no fluir em coordenações consensuais de conduta.

Nesta concepção a linguagem, como fenômeno, como um operar do observador, não ocorre na cabeça, mas no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um fluir nelas. No momento que muda a estrutura do observador, muda seu modo de estar em relação com os demais e, portanto, muda seu linguajar (estar na linguagem). Desta forma, o psiquismo se constitui como um modo de relação com a circunstância e/ou com o outro, que adquire uma complexidade especial na recursividade do operar humano na linguagem. Assim, a autoconsciência também pertence ao espaço relacional que se constitui na linguagem, na convivência.

O autor coloca que a criança vive imersa no linguajar e no emocionar da mãe e de outras pessoas que a circundam, desde a gestação. O resultado é que, desde a forma de feto, bebê, criança ou adulto, o ser humano aprende seu emocionar com seu viver, em congruência com o emocionar dos outros, humanos ou não, com quem convive. Este processo se dá em cada novo ser humano, junto com a expansão dos domínios de coordenações condutuais consensuais em que participa. Na medida em que estes se tornam recursivos, forma-se o linguajar, que vai se aperfeiçoando, conforme for sendo expandindo e se complicando o viver.

Nesta perspectiva, uma cultura é uma rede de conversações que definem um modo de viver, um modo de estar orientado no existir (humano e não humano). Os diferentes sistemas de convivência (sociais, de trabalho, de poder...) se diferenciam pela emoção que especifica o espaço básico de ações em que se dão nossas relações com os outros e conosco.

Maturana coloca que o curso de nosso linguajar pode ser, em cada instante, contingente a muitas ações de nossa dinâmica de interações, que não tenham a ver diretamente com o que está ocorrendo no momento presente. Há conversações que estabilizam dinâmicas emocionais particulares, como resultados de maneiras particulares de entrelaçamento do linguajar e do emocionar que as constituem. Normalmente estas conversações configuram problemas e muitas vezes as pessoas envolvidas necessitam ajuda psicológica para modificá-las, a fim de que alcancem maior bem estar.

Conforme o autor o curso de nosso linguajar pode ser, em cada instante, contingente a muitas ações de nossa dinâmica de interações, que não tenham a ver diretamente com o que está ocorrendo no momento presente. Sendo importante ressaltar o fato de que participamos de várias conversações e existimos como humanos no entrecruzamento de várias conversações e estas exercem conseqüências em nossa dinâmica corporal e as modificações corporais exercem influências nas emoções, que trazem mudanças na linguagem, gerando novas formas no fluir das conversações.

Nesta ótica, as palavras constituem operações no domínio da nossa existência como seres vivos, em contínuo conversar, atravessados a todo instante pela linguagem e pela emoção. O autor chama de conversação ao fluir do conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar. Coloca também que o conhecer está implicado na linguagem...” Fica claro que estamos imersos num viver que ocorre na linguagem, na experiência de sermos observadores da linguagem. E insisto neste último ponto, porque *se não estamos na linguagem não há reflexão*, não há discurso, não dizemos nada, simplesmente somos sem sê-lo, até refletirmos sobre o ser.” (Maturana, 1999:38). Ao se remeter à racionalidade, Maturana enfatiza que, “... todos os sistemas racionais

se baseiam em premissas fundamentais aceitas a priori... A aceitação apriorística das premissas que constituem um domínio racional pertence ao domínio da emoção e não da razão, mas nem sempre nos damos conta disto. " (Ibidem 1:51).

Síntese

Para PIAGET, o principal objeto de estudo foi à construção do conhecimento humano. Preocupou-se, portanto, com o surgimento do pensamento e da linguagem na ontogenia humana, buscando compreender quais são os processos necessários para o surgimento destas duas instâncias que possibilitam a interação do sujeito com o meio, enfatizando que elas se dão a partir do desenvolvimento da inteligência. No decorrer de seu trabalho, o autor afirma que a inteligência precede a linguagem, mas esta a transforma no decorrer das etapas de desenvolvimento da criança. No início, surge a forma de linguagem egocêntrica na criança, que seria uma linguagem conforme seu modo de ver o entorno. Aos poucos, com o descentramento cognitivo haveria o surgimento e ampliação da fala socializada, que inclui e considera o ponto de vista do outro nos processos interativos em que estaria presente a linguagem. É curioso o fato que, na opinião do autor, a fala egocêntrica não desaparece totalmente, mas pode estar presente, inclusive nas interações adultas, em conversas e exposições que não considerem o ponto de vista do outro. A linguagem, para este autor é considerada muito importante, pois possibilita ao sujeito o acesso ao patamar das operações lógicas, mas não pode realizá-las de forma independente. Para Piaget cabe à inteligência o papel central, articulando o pensamento e a linguagem.

Por outro lado, MATURANA debruça-se sobre a perspectiva filogenética, buscando compreender como evoluiu a linhagem hominídea. O autor coloca o surgimento da linguagem como marco definidor desta passagem, sendo que ela se tornou possível pelo modo de vida no período evolutivo apontado por ele (três milhões e meio de anos atrás, na África). Os hominídeos viviam em pequenos grupos, utilizando sistema de coleta, compartilhando alimentos e o cuidado com as crianças. Havia uma convivência sensual, com sexualidade frontal entre machos e fêmeas. Estes aspectos do cotidiano teriam possibilitado coordenações de ações consensuais, gerando o aparecimento da linguagem. Ambas foram se complexificando, à medida que foi se complicando o viver. O autor considera tanto o modo de vida como a linguagem enquanto estruturalmente plásticos e autopoieticos.

Outro aspecto interessante do autor sobre a questão da linguagem é que ele coloca esta como um operar do observador, sendo que ocorreria no espaço de relações e pertencendo ao âmbito das coordenações consensuais de conduta, como um fluir nelas. Neste fluir estariam presentes o linguajar e o emocionar, que nesta perspectiva, constituem o conversar, sendo que toda realização humana se estabelece na linguagem e na emoção, resultando que os humanos estão sempre em um conversar. Quanto ao desenvolvimento da linguagem na ontogenia humana, o autor coloca que o bebê aprenderia, desde a gestação, tanto o linguajar, como o emocionar, em congruência com o meio em que está inserido.

Assim, a cultura seria uma rede de conversações, em que os humanos existem no entrecruzamento de várias conversações, tanto as que estão sendo observadas no momento, como as que já foram vivenciadas no passado e deixaram marcas. Assim, segundo Maturana, seríamos atravessados a todo instante pelo conversar (linguajar & emocionar), sendo que a dinâmica corporal estaria sempre imersa neste processo.

CONCLUINDO...

A partir do que foi exposto, poderíamos concluir que tanto PIAGET como MATURANA preocuparam-se com a linguagem, porém em sua trajetória fizeram diferentes análises em relação à mesma. Podemos colocar que ambos a consideraram fundamental. PIAGET, a partir de seu objeto de estudo, preocupou-se com as questões ontogenéticas, enquanto MATURANA centrou-se nas questões filogenéticas, mas enfocando também a ontogenia. Aqui encontramos um ponto de convergência entre os dois autores, pois ambos colocaram que é na interação que se dá à possibilidade de desenvolvimento da linguagem, embora os dois apresentem divergências quanto ao que possibilita o surgimento da linguagem no humano.

PIAGET preocupou-se mais com as relações entre o desenvolvimento da inteligência e do surgimento do pensamento e da linguagem, ampliando possibilidades de compreensão e de interação. MATURANA busca na linguagem a origem da linhagem humana atual, que se tornou possível a partir de um modo de vida centrado no compartilhar cooperativo e na convivência sensual. Mas a linguagem não seria independente, estaria atrelada à emoção, constituindo com a participação desta o conversar, que estaria presente em toda realização humana, incluindo-se aqui o aprendizado do emocionar e do linguajar dos novos humanos, pela imersão na cultura. Esta se constituiria enquanto rede de conversações, ligadas a um modo de viver, sendo que precisa ser enfatizado o caráter autopoietico que o autor lhes atribui.

Pelo acima exposto, fica evidente a envergadura das contribuições dos dois autores a respeito das formas em que nos constituímos enquanto participantes ativos na cultura, sendo que a linguagem seria imprescindível, mas não condição suficiente, na opinião de ambos: PIAGET coloca que a inteligência, o pensamento e a linguagem estão entrelaçados enquanto pilares do desenvolvimento, havendo a prerrogativa da inteligência na interface entre o pensamento e a linguagem. MATURANA coloca o modo de vida, a linguagem e a emoção enquanto pilares da linhagem humana atual (tanto no aspecto filogenético, como no ontogenético), considerando a importância da racionalidade, que segundo sua opinião não podem existir fora da linguagem e da emoção.

BIBLIOGRAFIA

ARNOLD, W.; EYSENCK, H. MEIL, R. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo, Ed. Loyola, 1982.

BRATTO, A.M. **Dicionário Terminológico de Jean Piaget**. São Paulo, Pioneira, 1978.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **Psicologia da criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1967.

___ **O nascimento da inteligência da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

___ **A formação do símbolo na criança. Imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1964

___ **O julgamento moral na criança.** São Paulo: Editora Mestre JEU, 1977.

PIAGET, J. **A Linguagem e o Pensamento da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

___ **Comentários de Piaget sobre as observações críticas de Vygotsky concernentes a duas obras “A linguagem e o pensamento da criança” e “O raciocínio da criança”.** Em Aberto, Brasília, ano 09, nº 48, out/dez. 1990.

MATURANA, Humberto. **Da Biologia à Psicologia.** POA: Ed. Artes Médicas: 3ª ed, 1998.

___ **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999

___ **Ontologia da Realidade,** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

___ **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima, Nisis de **Formação Humana e Capacitação.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.